

Publicação HELSINGIN SANOMAT Data 27 / 7 / 83
 Localidade _____ Página 15
 Tendência polttica _____
 Frequência _____ Tiragem aproximada _____ mil ex.

KULTTU

Demokratian kuolevaisuudesta varoittava José Cardoso Rikoksen teki koko kansa

"Portugalin demokratia kärsii parhaillaan kriisistä, jossa astuvat esiin menneisyyden haamut. Romaaniani voi näin ollen pitää varoituksena, muistutuksena painajaisesta", sanoo José Cardoso Pires, jonka viime teoksesta on tullut sensaatio.

José Cardoso Piresin, Portugalin ainoan ammattikirjailijan, viime vuoden lopulla julkaisemasta romaanista *Balladi koirien rannalta* tuli maassa vuosisadan best-seller. Sen ensimmäinen painos myytiin loppuun viikossa, kuudes painos nousi 46 000 kappaleeseen ja seitsemäs on parhaillaan julkaisuvaiheessa. Kukaan portugalilainen kirjailija ei ole koskaan saavuttanut samanlaista menestystä. Romaani sai myös suurimman, ei vain Portugalissa vaan myös Brasiiliassa koskaan myönnetyin, n. 40 000 markan kirjallisuuspalkinnon.

Ei ole kuitenkaan kysymys ainoastaan best-selleristä, vaan kriitikot ovat poikkeuksetta myöntäneet romaanin kuuluvan Portugalin nykykirjallisuuden parhaimpiin, luokitelleet sen mestariteokseksi.

"Cardoso Pires", kirjoittaa kriitikoista tunnetuin, "on kirjailija jonka romaanissa todellisuus integroituu proosaan maamme kirjallisuudessa ainutkertaisella tavalla; seikka johon perustuu teoksen suunnaton voima sen kielellinen ominaislaatu."

Romaania käännetään parhaillaan usealle eri kielelle ja sen filmausoikeudet on jo myyty ranskalais-portugalilaista produktiota varten.

Entä mistä tämä ennenkuulumattoman menestyksen saanut romaani kertoo? Se perustuu ennen kaikkea — kuten balladit yleensä — tositahtumaan, vuonna 1961



"Sanoisin että syytä on neljä. Ensimmäiseksi, en ollut julkaissut käytännöllisesti katsoen mitään kahdeksaan vuoteen. Toiseksi, teos on rakenteellisesti jotain aivan uutta maan kirjallisuudessa. Kolmanneksi, se toi päivänvaloon rikoksen, josta ihmiset vihdoin pystyivät puhumaan vapaasti; romaanin fasismin aikaiset, demokratian aikana unohtuneet henkilöhaamot heräsivät uudelleen eloon. Oli mielenkiintoista nähdä heidät televisiossa — jossa esiintyi jopa yksi murhaajista — tai seurata heidän haastattelujaan radiossa. Ja neljänneksi tärkein tekijä oli kirjallisuuspalkinto, epäilemättä merkityksellinen romaanin menestyselle."

Entä mikä on sen arvo muihin teoksiisi verrattuna? Onko se mielestäsi niistä paras?

"Paras on vielä kirjoittamatta", tekijä naurahtaa.

Koira peilikuvana

Edellisissä romaaneissasi — esimerkiksi suomeksi käännettyssä *Kruununperijässä* — käytit paljon ilmeisesti juuri diktatuurin aikaisen sensuurin sanelema symboleja. Onko niitä myös tässä teoksessa, tällä kertaa tietienkin vapaaehtoisesti?

"On toki, ennen kaikkea koirat, joita inhoan, koska ne symbolisoivat fatalistista tottelevaisuutta, sokeata kuuliaisuutta, koska ne kunnioittavat hierarkioita ja luokkeroja, vaistoavat köyhän ja rikkaan, sopeutuvat ihmisen kaikkiin vikoihin. Pidänkin koiraa ihmisen negatiivisimpien puolien peilikuvana, heijastuksena hänen äärimmäisestä alhaisuudestaan."

José Cardoso Pires tuijottaa hetken kauas ulapalle ja siirtyy välillä muihin asioihin: kertoo Portugalin

"Helsingin Sanomat" de 27.7.83

de Ilse von Hellens

José Cardoso Pires adverte contra a mortalidade da democracia:

O CRIME FOI COMETIDO PELO POVO INTEIRO

"A democracia de Portugal está a atravessar uma crise regressiva e começa a sentir os fantasmas do passado. Neste enquadramento o meu romance pode ser tomado como uma memória maldita, um aviso, se quiser", diz José Cardoso Pires, cujo último livro fez uma sensação no país.

O romance "A Balada da Praia dos Cães", publicado no fim no ano passado, de José Cardoso Pires, o único escritor profissional em Portugal, tornou-se, no país, no best-seller do século. A sua primeira edição foi esgotada dentro de uma semana, a sexta atingiu num total de 46 000 exemplares e a sétima está a ser publicada. Nenhum escritor português tem alcançado semelhante êxito. O romance obteve também um prémio literário no valor de cerca de 40 000 marcas, o maior até então atribuído não só em Portugal como também no Brasil.

Todavia, não se trata apenas de um best-seller; mas os críticos, sem excepção, têm admitido que o romance pertence aos melhores na moderna literatura portuguesa, classificando-o como uma obra-prima.

"Cardoso Pires", escreve o mais notável dos críticos "é um escritor em cujo romance a realidade integra-se na prosa de uma maneira única na literatura do nosso país; o factor que constitui a base para a grande força da obra é o carácter particular da sua linguagem."

O romance está a ser traduzido já em várias línguas e os seus direitos cinematográficos foram vendidos para uma produção franco-portuguesa.

Qual é então o tema deste romance de tão invulgar acolhimento?

Baseia-se - como as baladas em geral - num acontecimento verdadeiro, num assassinato, cometido em 1961, dentro da Resistência, assassinato que não só teve um efeito perturbador na opinião do país como também comprometia a imagem da esquerda.

A vítima, um capitão do Exército, fugido da prisão, onde fora condenado pela sua actividade contra a ditadura de Salazar - foi assassinado em circunstâncias misteriosas. O seu corpo foi encontrado uma semana depois na praia de Guincho, perto de Lisboa, por alguns cães vadios e por um pescador.

-2-

Todavia, o romance não é nenhuma reportagem mas uma mistura de realidades e de ficção, de interrogatórios efectuados primeiro pela Polícia Judiciária e, na fase final, pela PIDE, assim como de declarações das testemunhas; as personagens são parcialmente verdadeiras, parcialmente fictícias.

É também uma excelente descrição sobre a Lisboa dos anos 60, tanto sobre o seu quotidiano e gente vulgar, como sobre o ambiente político de então.

Macho-homem

Encontro-me com o escritor no calor de uma tarde de Julho no bairro mais velho de Lisboa, num café situado numa típica rua muito estreita. Conhecia-o já anteriormente, não está mudado. A mesma sinceridade corajosa, a honestidade absoluta, a mesma saúde de ferro, tanto física como espiritual, a mesma vontade indomável de viver e a mesma curiosidade quanto a tudo que seja novo o desconhecido. E, antes de mais nada, continua o mesmo incurável "macho-man".

Do café partimos para tomar uma bebida numa das mais antigas tascas da cidade, onde para mim chega um copo de vinho tinto, mas onde ele - conhecido apreciador do whisky - acha os seus três copos insuficientes. Cardoso Pires conta, dando uma risada, que o Presidente do país ao entregar-lhe o prémio literário, acrescentou com um ligeiro sorriso: Penso que dá também para o whisky por algum tempo.

Da alegre balbúrdia de Lisboa partimos na direcção à Costa da Caparica, uma pequena povoação mesmo à beira do Atlântico, onde Cardoso Pires tem um apartamento utilizado apenas para escrever. As grandes janelas dão para um mar sem horizontes, para grandes e magníficas praias.

Primeiro, peço a ele um pequeno resumo sobre o romance.

- "É uma análise sobre o medo, e o medo aliena as relações do real, cria mitos; distorce e esfuma, onde está a verdade e a mentira? É uma análise sobre o medo num espaço fechado, dentro de um país fechado; é uma análise sobre o medo colectivo, possível apenas porque o povo não tinha coragem para uma luta aberta. Assim, o crime foi cometido por todo o povo de Portugal. É também descrição sobre a impotência política de então no país e sobre as suas trágicas consequências.

E qual consideras o principal motivo para esse inédito sucesso do livro?

- "Diria que há quatro motivos. Em primeiro lugar, eu não tinha pu-

blicado praticamente nada durante os últimos anos. Em segundo lugar, a construção do livro é alguma coisa totalmente nova na literatura do país. Em terceiro lugar, o público redescobriu o crime e discutiu-o desta vez em liberdade. O livro punha em causa algumas figuras do fascismo que tinham sido esquecidas depois da vitória da democracia; interessava ouvi-las, vê-las de perto na sua má-consciência. Na Televisão apareceu até um dos assassinos, e as entrevistas tanto na rádio como na imprensa; foram momentos inesquecíveis para o público. E o quarto factor importante foi de a Balada ter sido distinguida pelo prémio literário, sem dúvida importante para o êxito do livro."

E qual é o seu valor comparado às tuas outras obras? Achas que é a melhor delas?

- "A melhor ainda está para ser escrita", responde o autor e dá uma gargalhada.

O cão como símbolo

Nos teus romances anteriores - por exemplo, no Delfim, até traduzido em finlandês - utilizaste muitos símbolos, ditados evidentemente pela censura durante a ditadura. Há símbolos também nesta obra, esta vez naturalmente voluntários?

- "Claro que há, antes de mais nada os cães, que detesto, pois simbolizam uma obediência fatalista, uma submissão cega, porque respeitam hierarquias e diferenças de classe, distinguem um pobre de um rico, adaptam-se a todos os defeitos do homem. Justamente, considero o cão o espelho dos lados mais negativos do homem, como reflexão da sua mais extrema degradação."

José Cardoso Pires olha por um momento longe em direcção ao mar, e fala, de repente, de outras coisas: da crescente prostituição - tanto de raparigas como de rapazes - dentro da juventude portuguesa, do problema de droga cada vez mais sério, diz que não suporta os filmes de Ingmar Bergman e nota que a ingenuidade dos nórdicos é muito modesta comparada à dos portugueses.

Qual foi a importância da Revolução dos Cravos para si, assim como para a literatura do país em geral?

- "A sua importância foi somente positiva. A censura acabou, obtivemos a liberdade, o que nos deu a possibilidade de encontrar novamente o país que tínhamos tido antes, mas que tínhamos perdido. O país onde vivíamos durante a ditadura, foi inventado pela esquerda e pela direita".

E a actual situação do escritor português? Os seus problemas, perspectivas de futuro?

- "O maior problema continua a ser a falta total do apoio da parte do Estado. Depois da Revolução têm aparecido muito mais escritores, melhores autores, do que antes. Por exemplo, das mulheres Maria Velho da Costa - uma das três famosas Marias. Todavia, a crise económica limita a publicação dos seus livros; nesse aspecto, a situação era melhor antes. A imprensa e a rádio também têm desenvolvido consideravelmente a sua qualidade."

"As nossas relações internacionais são mais livres, assim a nossa literatura tem boas possibilidades de ser divulgada também para outros mercados, especialmente para os países de língua portuguesa, como Angola, Moçambique, Guiné, Cabo Verde e naturalmente Brasil; o português é a quarta língua mais falada no mundo. Além disso, há em França cerca de um milhão de emigrantes portugueses, dos quais sobretudo a geração mais nova lê surpreendentemente muito. Assim, o futuro não parece nada sombrio."

A democracia paraliza?

"A crise económica", continua José Cardoso Pires, "não influencia apenas a literatura como também todo o resto da vida. Por exemplo, a juventude de hoje é muito menos política do que antes; a fascismo acordou-a, a democracia paraliza-a. Há três anos que não há uma única manifestação. Os jovens querem apenas formar-se o mais depressa possível e depois de serem formados, têm medo de perder o emprego."

"Sòmente, não existem nenhuma esperanças de uma melhoria da situação económica. Infelizmente. Assim, estamos à espera de um milagre. E quanto à política, está a ficar sob a pressão dos americanos cada vez mais direitista; o partido socialista de Portugal é, na Europa, o mais fiel aos EUA. Assim, estamos a regressar, caminhamos na direcção do velho sistema: uma meia dúzia de ricos e o resto vive na miséria."

Qual escritor, ou quais escritores, podes dizer que te influenciaram?

- "Como sabes, fui o primeiro escritor português a opor-se à influência francesa. Foi a literatura anglo-saxónica que mais me estimulou, a geração de Hemingway."

Finalmente, quais são os bons e maus lados dos portugueses?

O escritor pensa um momento, de facto, bastante tempo.

- "O pior lado é a sua rápida maneira de pensar e o seu imediato contentamento depois; deslumbra facilmente. Um dos melhores lados, diria,

é fazer humor de si próprio, especialmente durante tempos difíceis, quando se trata de sobreviver - será uma espécie de masoquismo, sei lá."

Ilse von Hellens